

A *Fólio – Revista de Letras*, v. 7, n. 1, em sua seção *VERTENTES & INTERFACES I: Estudos Literários e Comparados*, organizada sob eixo temático “Guimarães Rosa: vozes, sentidos e representações”, reúne reflexões a propósito dos deslocamentos, promovidos pela escrita de Rosa, nas convenções da ficção realista e nos paradigmas que balizam a sua crítica. Apropriando-se de imaginários culturais incongruentes, seu mecanismo paradoxal de escrita opera nos limites da representação, evidenciando a mobilidade dos dispositivos de produção de sentido: “nonada”. Ao propor uma forma que produz um efeito “mágico”, o “inexpresso do sentido”, Rosa interfere no campo literário e embaraça os hábitos mentais dos leitores de literatura realista que reiteram classificações corroborantes da lógica racionalista. A literatura de Rosa nega a lógica ou opera uma “álgebra mágica” com técnicas que efetuam indeterminações no fundo e movimentam o sentido nas formas de retórica contínua que, para o leitor de literatura realista, parecem manifestações ou representações verossímeis: designações de um sertão além, acrescido de mistério, ou aquém, formalista.

Crítica do racionalismo, a indeterminação também tem efeitos de humor quando o movimento do fundo que indetermina as formas, simultaneamente, informa as legibilidades do leitor ou as vozes já assimiladas por ele que usufrui da proliferação do sentido enquanto procura capturá-lo. De acordo com Hansen, em “*Grande sertão: veredas* e o ponto de vista avaliativo do autor” (2007), Rosa propõe a ficção de uma língua como a que se falava antes de Babel. Ao propor a ficção dessa língua mítica, pré-Babel, Rosa passa ao lado das divisões de língua e fala, a dualidade do real e do designado na representação, forma e fundo. O autor apresenta um “arbitrário construtivo da representação” para o

leitor que pode receber da álgebra ou do constructo apenas a mágica ou a metafísica como efeitos; pode também receber o estilo da língua pré-Babel como resultado da avaliação crítica da representação e de uma intervenção estético-política desse autor moderno.

O primeiro artigo da sessão, escrito por Aline Maria Magalhães de Oliveira Ávila, levanta questões a propósito da figuração do estrangeiro em *Sagarana*. Concebendo a escrita de Rosa como um dispositivo “transculturador”, Ávila retoma o estudo de Antonio Candido sobre a “Dialética da Malandragem” e traça, inicialmente, uma comparação de Lalino Salâthiel, Leonardo Pataca e Macunaíma, personagens lidas como alegoria da “cordialidade” que Sérgio Buarque de Holanda elabora e comunica como um padrão de representação do brasileiro, rastreável na cultura letrada. A apreciação da figura do “mulato”, em seu confronto com o estrangeiro, nesse caso, concentra-se na atitude ambígua da personagem que oscila do fascínio pelo exotismo à intolerância. Opondo “simpatia” e “civildade”, Ávila descreve Lalino como um malandro cordial e a prática de Rosa como uma escrita que concede “voz” a “indivíduos marginalizados”, que “constrói pontes entre mundos e culturas diferentes”.

No segundo artigo, “A Poética Moderna em ‘A Terceira Margem do Rio’, de João Guimarães Rosa”, Bárbara Del Rio Araújo discute a fortuna crítica de *Primeiras Estórias*, empenhando-se em demonstrar que, em Rosa, os dispositivos de “indeterminação” do sentido configuram uma “poética moderna”, poética que contradiz as leituras transcendentais ou místicas recorrentes nas interpretações do conto estudado.

Em “Procedimentos Narrativos em ‘Conversa De Bois’”, Cássio Roberto Borges da Silva examina a exploração combinada dos mecanismos da prosopopeia e da exposição simultânea de distintos extratos narrativos no conto de *Sagarana*, observando que a “reversão simultânea de ambos os processos”, no desfecho do conto, ao dissipar personificações e individuações, concretiza a figuração de um corpo indiferenciado, corpo que desloca significações e designações, conduzindo a narrativa aos limites da representação.

Érico Melo, por sua vez, em “Buriti e Brejo: cartografia, geodesia e alegoria em ‘Corpo de Baile’ e ‘Grande Sertão: Veredas’”, analisa a “intertextualidade topográfica”

nos dois livros de Rosa, demonstrando que o “alegorismo dos lugares e espécies naturais do Sertão” espelha-se “nas formas geodésicas das narrativas”. Examinando, por um lado, o contraste alegórico entre “o traço unitário e permanente do Buriti solar” e “a multiplicidade ilimitada do Brejo saturnino”, por outro, o contraste entre uma perspectiva cartográfica e os quadros ecfrásticos que mostram, em detalhe, os “panos de fundo” naturais, Melo percorre uma vereda ainda inexplorada na fortuna crítica de Rosa.

Por fim, no último artigo, “O Autor Morre ou Finge que Morre”, Maryllu de Oliveira Caixeta apresenta um estudo sobre “Reminiscção”, conto de *Tutaméia*. Lendo-o como alegoria da autoria que se configura como uma “paródia da teoria platônica das reminiscências”, ou seja, como dispositivo “que pressupõe um sentido superior como fundamento das formas dos gêneros”, Caixeta, retomando as reflexões de Bakhtin sobre autoria, identifica, na escrita de Rosa, a “ficção de uma unidade que produz indeterminação ou deforma a dualidade clássica de forma e fundo”.

Esperamos, por fim, que leitura dos trabalhos aqui recolhidos seja útil e agradável.

Maryllu de Oliveira Caixeta
Cássio Roberto Borges da Silva